

Collor faz comício para 10 mil em Natal

Duas famílias rivais sobem ao mesmo palanque na maior manifestação da campanha do PRN

ROBERTO STEFANELLI

NATAL — O candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, fez sucesso ontem na capital do Rio Grande do Norte: provocou tumulto e choro no Aeroporto Augusto Severo, e engarrafou boa parte dos 15 quilômetros da avenida que percorreu até o local do seu primeiro comício na porta da fábrica Guararapes, uma indústria de confecção. Reuniu ali mais de oito mil pessoas. Um bom teste para quem pretende pedir votos, hoje pela manhã, em frente de outra fábrica em Santo Amaro, São Paulo. À noite, mais de dez mil pessoas foram ao comício de Collor na Orla Marítima.

Ele atrasou mais de duas horas. Desembarcou às 17h25, com um séquito de parlamentares, assessores e sua mulher Rosane. Encontrou no aeroporto parte das famílias Maia e Alves, os donos da política local. Só faltou o que ele sempre quis nesses meses, o governador Geraldo Melo. Em torno dos Maias e dos Alves um grupo numeroso de pessoas contratadas e eleitores reais.

O candidato foi literalmente arrastado da pista até a caminhonete que o levaria num longo passeio de veículos engrossado por ônibus, caminhões, motocicletas, bicicletas e carros. Apareceram até alguns cavalos que prudentemente foram colocados ao lado da pista.

O senador Carlos Chiarelli (PFL-RS), que nunca havia subido com Collor além das fronteiras do Rio Grande do Sul, a não ser em seu gabinete em Brasília, se assustou com o alvoroço. Quando tentaram levá-lo para a caminhonete no meio do



André Dusek/AE

Collor, em Natal, com Agripino Maia (E) e Flávio Rocha (C): festa na rua e comícios nos quais só faltou Geraldo Melo

tumulto reagiu: "Vocês estão loucos. Eu vou de carro". E entrou num Opala com ar refrigerado.

À frente do cordão de veículos e próximo de Collor um carro de som repetia a música do conjunto Chiclete com Banana,

o fricote Se Liga Brasil. Enquanto o locutor martelava: "Aqui está o mais novo presidente do Brasil", os alto-falantes despejavam a todo volume: "Se liga Brasil, eu sou brasileiro — tenho a fé brasileira".

No carro logo atrás, o assessor

de imprensa, Cláudio Humberto, se comunicava com Rosane enquanto apontava as pessoas que pontilhavam a avenida durante boa parte do percurso saltitando ao som da música. "Esta deveria ser a música da campanha", analisava. Rosane

concordou e cantarolou: "Se liga Brasil no seu Fernando Collor — tenho a fé brasileira". A comitiva estava em festa, desfilou ali uma nova mudança na programação dos vídeos do horário gratuito. "Aquele samba não pega", finalizou Humberto.

ATAQUE E SAUDAÇÃO

Quando subiu ao palanque, Collor, antes de atacar Brasília "e seus ladrões", teve de saudar a mesma miscelânea de apoios políticos com Maias e Alves reunidos. De um lado, o senador José Agripino Maia (PFL), de outro, a vereadora Ana Catarina (PTR), filha do ex-ministro Aluizio Alves, do PMDB, e seu marido e deputado federal Ismael Wanderley (PTR).

Para completar o quadro, o único a discursar além de Collor seria o deputado Flávio Rocha, eleito pelo PFL, fundador do PL e hoje no PRN. O deputado, 31 anos, é candidato a governador do Estado. Hoje está com Collor mas já esteve com Afif, que por sinal desembarca na cidade dia 10 de outubro. "Não vou afilar novamente", garante o deputado. Na vida pública ele é mais que deputado, é filho de Nevaldo Rocha, principal acionista do Grupo Guararapes, provavelmente o homem mais rico do Rio Grande do Norte e que ajudou a eleger cerca de 70 prefeitos.

Esse primeiro comício tomou uma área aproximada de dois mil metros quadrados apinhada de gente. Muitos se mostravam mais curiosos do que propriamente eleitores. Mas não deixaram de gritar "Collor presidente", a cada comando do palanque. Quando tomou o microfone o candidato bateu forte na tecla costureira e que faz a mais nova moldura dos seus programas no horário gratuito: a crítica ao governo do presidente José Sarney.

Procurava repetir assim o mesmo sucesso que acredita ter obtido no seu comício em Campos. "Foi a nossa maior concentração pública até agora", garante o assessor Cláudio Humberto, que contabilizou ali não menos que 25 mil pessoas. Nem todos assessores fizeram a mesma conta. Para o jornalista Sebastião Nery, Campos deve ter reunido nunca menos que 12 mil e nada além de 15 mil pessoas.